

# Inteligência, Comunicação e Saúde: a lógica do cisne negro, pandemias e vírus

## O Cenário

As sociedades estão atônitas. O mundo está diante de uma interrogação. Diante de tanta tecnologia, informação e ciência, não se consegue evitar e conter a propagação dos vírus, ou não se dispõe de mecanismos nos locais de incidência, nas horas certas e nas melhores condições para esclarecer como surgiram, quais os sintomas e como evitar os danos à saúde pública.

Mas isso não é coisa de agora, do século XXI. Desde primórdios o homem se vê diante desse desconhecido fenômeno das pragas do tipo Cólera, Gripe, Tifo, SARS, Gripe Aviária( H5N1) e a agora denominada Gripe suína (Influenza A – H1 N1)

Em 1918, a gripe espanhola causou um número estimado de 40 milhões de óbitos. Em 1957, a gripe asiática causou 1 milhão. Em 1968, 700 mil vieram a óbito ocasionado pela Gripe de Hong Kong.

## Inteligência, Comunicação e Saúde

Nesse artigo, alguns enfoques que merecem especiais considerações.

A inteligência é um processo de transformação de dados em informações e estas, passando por um processamento lógico, traduzem um conhecimento que, aplicado à conjuntura específica, alimentam decisões de estado ou das organizações privadas.

Nessa concepção de inteligência está em jogo a gestão do conhecimento, onde ele está localizado, qual seu conteúdo, como é a arquitetura de sua informação. As regras desse jogo passam pelo chamado ciclo de produção de inteligência, interagindo planejamento, reunião, processamento e findando pela disseminação a quem deve tomar decisões.

A concepção de saúde não é mais a simples ausência de doença, mas sim um conceito bem mais amplo, traduzindo-se no bem-estar físico, mental e social dos indivíduos.

Por outro lado, numa espécie de interface, surge a comunicação social, passando mensagens a públicos, buscando adesões de pontos de vista e medidas sociais ou até, conformando comportamentos de massa pelo uso de mídias modernas e de amplo alcance.

## Os cisnes negros

O libanês Nassim Nicholas Taleb, ligado ao mercado de ações, especialista em finanças e crítico da indústria, é autor do recente *best seller* “**A Lógica do Cisne Negro**”, que ilustra a fragilidade de nosso conhecimento com relação à falta de preparo para a ocorrência de situações raras e improváveis, mas de grande impacto.

O autor aborda questões referentes à falta de visão para eventos aparentemente improváveis e até impossíveis. E isto não ocorre apenas em outros países, com outras famílias. Acontece com você! Cada um de nós possui exemplos de mudanças repentinas no rumo de nossas vidas, algo que não estava planejado e mesmo assim aconteceu, como por exemplo, a escolha da faculdade que cursamos, o local de moradia, encontrar alguém que não víamos há anos ou achar dinheiro na rua. São situações que fogem ao nosso controle. Mesmo assim, pessoas ainda tendem a agir como se o óbvio fosse o mais esperado, mostrando a limitação do aprendizado calcado apenas em observações do cotidiano, impondo limites ao conhecimento.

Nicholas Taleb critica a “curva de sino” (Curva de Gauss) e sua metodologia lógica de distribuição de eventos em quantidades maiores na média e menores nos extremos.

A evolução da internet e da mídia, o sucesso do GOOGLE, o Tsunami no oceano Pacífico em 2004, os ataques de 11 de setembro, são apenas alguns exemplos de fenômenos que o autor chama de “Cisnes Negros”. E quase tudo a sua volta pode estar enquadrado nesta definição. Para Taleb, devemos dar relevância àquilo que não sabemos. Eventos que pegam todos de surpresa, ocasionando resultados impactantes. O autor chama de “tripé da opacidade”:

- Ilusão da compreensão: todos acham que sabem o que se passa no mundo. Porém este é bem mais complexo;

- Distorção retrospectiva: organização dos fatos de forma mais simples do que a verdadeira realidade;
- Sobrealimentação da informação factual: idealização dos fatos de maneira platônica. Tudo que irá acontecer parece mais razoável e previsível.

Conforme idéia de Nicholas Taleb, o que você sabe, não pode machucá-lo. Portanto, não observe somente no específico, esteja atento ao que acontece no geral. Não seja ingênuo e tão pouco arrogante em relação àquilo que acha que sabe. Abra os olhos e esteja preparado para identificar um cisne negro.

## **Pandemias e Vírus**

As infecções por vírus têm características marcantes, como o inusitado de seu surgimento e o curto espaço de tempo entre do contágio à transmissão.

Como consequência disso, estão as reações humanas. No Brasil, bem característica desse enfoque, foi a revolta ocorrida no início do século XX em decorrência da campanha de vacinação obrigatória contra a varíola.

Surtos de gripe, embora com aparecimento repentino, produzem efeitos localizados e temporários. Já as epidemias também surgem rapidamente num lugar e acometem, a um só tempo, grande número de pessoas. São doenças infecciosas e transmissíveis que ocorrem em comunidades ou regiões e podem se espalhar em curto espaço de tempo entre as pessoas de outras regiões, originando, então, um surto epidêmico.

Pandemias, por sua vez, decorrem do descontrole das epidemias. Atingem grandes proporções, podendo se espalhar por um ou mais continentes ou por todo o mundo, causando inúmeras mortes ou afetando cidades e regiões inteiras.

Vírus não voam nem caminham. Eles são transmitidos pelos seres vivos. Nos casos em tela, estamos tratando de transmissão de vírus inter-humanos.

Muito interessante foi a identificação do vírus causador da Gripe Aviária, em 2004, cuja mutação geraria uma pandemia para a qual o mundo se preparou, mas que não ocorreu.

## **Os papéis a desempenhar**

Algumas atividades humanas podem ter marcante atuação em processos desencadeadores de pandemias, entre elas a comunicação e a inteligência.

No que se refere à comunicação, o problema é como evitar o pânico e, simultaneamente, alertar para o risco e as medidas profiláticas necessárias, passando, obviamente, pela monitoração do movimento das pessoas.

Muitas vezes negligenciado, o papel da inteligência é outro grande fator de sucesso na gestão do processo pandêmico ou da globalização dos vírus. No processo de inteligência é fundamental respondermos:

- O que necessitamos saber?
- O que nós já sabemos?
- Por que precisamos saber disso?
- Quando precisamos saber disso?
- O que faremos com a inteligência gerada?
- O que nos custará obtê-la?
- O que poderia nos custar não obtê-la?

Assim, por exemplo, monitorar a ocorrência de vírus ou doenças exóticas em regiões afastadas do globo terrestre, como os vírus ébola, hantavírus, novos tipos de encefalites etc, rotas de “viagem”, os vetores de transmissão, suas causas e novas tecnologias de vacinas pode ser papel característico de atividade de inteligência.

**Como o processo dos cisnes negros, o mundo se preparou para um vírus que existe – da gripe aviária – mas a pandemia não aconteceu, porém, o improvável vírus que não existia – da gripe suína – gerou uma pandemia!**

Brasília, DF, 22 julho de 2009  
Homero Zanotta